Globethics Repository




# Sepe representa a luta pela nossa dignidade [Sepe represents the struggle for our dignity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | da Silva Goncalves, Mauricio |
| Publisher | Instituto Humanitas Unisinos - IHU |
| Rights | With permission of the license/copyright holder |
| Download date | 2026-11-13 14:18:43 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/162932 |

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

## Entrevistas

# "Sepé representa a luta pela nossa dignidade"

**Entrevista com Maurício da Silva Gonçalves**

O anseio é do guarani Maurício da Silva Gonçalves, coordenador do Conselho Estadual dos Povos Indígenas e da Comissão de Terra Guarani. Morador da aldeia de Itapuã, em Porto Alegre, Maurício disse em entrevista por telefone à ***IHU On-Line*** que os povos indígenas são cidadãos brasileiros como todos os outros. Frisou, ainda, que a luta dos guaranis pela terra continua, mas com caráter diferente: "Estamos lutando pela recuperação, de fato. Nossa resistência hoje, como povo, como cultura, continua havendo, mas lutar pela terra é uma questão de recuperação".

***IHU On-Line* - O que Sepé representa para a comunidade indígena guarani hoje?**
**Maurício da Silva Gonçalves –** A luta de Sepé representa muito para a luta dos povos indígenas guaranis hoje. Primeiro porque ele foi um grande líder, que lutou pelo seu povo para não entregá-la, na época, aos espanhóis e portugueses, e lutou para preservar a cultura e o território onde os guaranis viviam. Sepé fez essa luta há muitos anos, mas temos isso muito presente hoje. A luta dos guaranis continua. Nós lutamos pelo nosso espaço, pelo nosso território. Essa luta representa muito hoje, pela recuperação do território guarani. Para se ter uma idéia, os guaranis lutam para sobreviver em beiras de estrada. É só correr pelas BRs e estradas do Rio Grande do Sul todo para ver os acampamentos guaranis. Então, como é que os guaranis vêem isso hoje? É por isso que a luta de Sepé continua nas lideranças guaranis atuais, com caciques que lutam pelo seu território e, principalmente, pela dignidade do povo guarani. Eu, por exemplo, sou uma liderança que se formou lutando. Não fui à escola, não sou formado, mas a escola que me ensinou foi viver esses problemas todos que atravessam nossa vida. Lutar pelos nossos direitos é uma escola. A luta de Sepé representa a resistência e a busca pela dignidade de nosso povo. O que nós queremos é que a sociedade brasileira e o governo reconheçam, de fato, o direito do povo indígena.

***IHU On-Line* – Como percebe o problema da distribuição de terras no Brasil? Essa questão mudou muito da época de Sepé em relação à hoje?**
**Maurício da Silva Gonçalves –** Acredito que o problema das terras mudou um pouco. Antes nós tínhamos nosso

território. Sepé lutava para não entregar as terras, para que o povo branco não tomasse as terras. Na época, nós tínhamos o nosso espaço, as nossas grandes aldeias, como são conhecidos os Sete Povos das Missões. Isso representa as grandes concentrações dos guaranis. Hoje, lutamos para recuperar as nossas terras. Então isso muda bastante. Agora não temos terras, estamos fora delas. Nossa resistência hoje, como povo, como cultura, continua havendo, mas a luta é pela recuperação da terra. Sepé queria impedir que os espanhóis tomassem nosso chão. Naquele tempo nós tínhamos mais espaço.

***IHU On-Line* – Como acontece o processo de lideranças entre os índios brasileiros atualmente?**
**Maurício da Silva Gonçalves –** Entre os guaranis, cada aldeia tem seus caciques, seus representantes. Nós estamos organizados em termos de articulação, para discutir juntos os nossos problemas, sobretudo o problema da terra, que é o principal, já que é uma questão geral. Quanto a isso, temos uma articulação grande com os caciques e com algumas entidades que, de fato, querem ajudar os indígenas. Em encontros, discutimos os assuntos de nosso interesse. Não é uma organização formal, mas uma vez por mês ou a cada dois meses, nós nos reunimos com os caciques para conversar. Debatemos também educação, saúde, agricultura e auto-sustentação. Não há um representante geral, e sim local. Os caciques levam as reivindicações do seu povo para esses encontros, a fim de que possamos, em conjunto, encaminhar os assuntos ao Ministério Público, ao governo, à FUNAI.

***IHU On-Line* - Como interpreta a campanha de canonização de Sepé? Converter sua figura em santo reparará a injustiça de sua morte?**
**Maurício da Silva Gonçalves –** Para a minha comunidade, em Itapuã, temos a definição de que o Sepé, sendo canonizado ou não, representa um símbolo. Para nós, ele já é um santo. Então não faz diferença se ele será homenageado como um santo. Isso não mudará nada entre nós. Claro que, em termos de reconhecimento para o povo branco, isso é interessante, porque seria mais respeitado e seria mais reconhecido como um lutador e um articulador, que foi, pela resistência do povo guarani. Quanto a isso, sim, concordo com a canonização, que os brancos reconheçam que ele lutou pelo povo, mas, para nós, guaranis, isso não muda muito. O importante é que a luta dele seja levada como resistência mesmo hoje. Estamos dando continuidade ao trabalho dele.

***IHU On-Line* - Qual é a principal lição que Sepé deixou aos seus descendentes?**
**Maurício da Silva Gonçalves –** Entendo que Sepé Tiaraju ensinou muitas coisas, mas a maior delas é de sempre lutar pelos nossos direitos, resistir à não-integração da nossa cultura a outras culturas. Ele sempre defendeu a nossa língua, a nossa cultura, para que nunca fossem destruídas. Temos que continuar sendo o povo guarani, não podemos perder nosso jeito de ser, nossa cultura. Esse é um dos maiores ensinamentos que ele nos deixou: de nunca "entregar os pontos" para os brancos, nunca entregar nossa cultura e deixar de ser guarani. Temos que nos orgulhar de ser um povo indígena.

***IHU On-Line* - De que forma a comunidade guarani celebra a memória de Sepé?**
**Maurício da Silva Gonçalves –** Esse momento é, para nós, muito importante em nossos dias. Não dá, para nós, guaranis, dizermos às autoridades, ao

governo: “queremos todas nossas terras de volta”. Isso é impossível, não dá para se discutir mais. O que se quer, com objetividade, é que o governo reconheça nosso direito e devolva algumas terras que entendemos ser de tradicional ocupação, adequadas para o povo guarani, para ele sobreviver, para viver sua cultura onde haja espaço. É isso que queremos e pedimos às autoridades: que reconheçam pelo menos isso, o nosso direito à terra para viver dignamente. Que o governo as terras que os guaranis entendem que são nossas, terras que correspondem à nossa cultura. Não queremos todas as terras de volta, e sim, alguns lugares que possam ser adequados para o povo guarani.

***IHU On-Line* - Gostaria de acrescentar mais algum aspecto?**

**Maurício da Silva Gonçalves –** Para nós, é importante lembrar ao povo não-índio que a gente vem lutando há mais de 500 anos. Resistimos e temos nossa cultura bastante preservada ainda. Isso para nós é importante, é o nosso documento, a nossa resistência. Fica o alerta ao povo não-índio para que respeite os índios como um povo diferenciado, mas não discriminando os indígenas. É essa palavra que deixamos: que o governo e a sociedade reconheçam o povo indígena, que ele tem direito à terra, à saúde, à agricultura. Tudo isso é um direito do cidadão brasileiro, como de nós, índios.

# Um símbolo da resistência guarani

**Entrevista com Alcy Cheuiche**

Para Alcy Cheuiche, Sepé é um símbolo histórico do índio missioneiro do século dezoito. Cristão praticante, sem perder os valores fundamentais de sua raça. Cheuiche afirma ainda que o 7 de fevereiro, dia da morte do líder guarani, deveria ser oficializado em todo o Brasil como *Dia da Consciência Indígena*.

Cheuiche é graduado pela Faculdade de Agronomia e Veterinária da UFRGS e mestre em Comunicação Científica pela Universidade de Paris. É professor visitante da Universidade da Região da Campanha (URCAMP), onde ministra oficinas de criação literária.

Foi no romance histórico que Alcy Cheuiche encontrou seu verdadeiro caminho na literatura brasileira. ***Sepé Tiaraju, Romance dos Sete Povos das Missões***. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 1984, foi traduzido para o espanhol e para o alemão e também editado em quadrinhos no Brasil. A primeira edição em espanhol esgotou-se em cinco meses. Escreveu também ***Ana Sem Terra***. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1998; ***Lord Baccarat***. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 1992; ***A Mulher do Espelho***. Porto Alegre: Sulina; ***Dezoito do forte de Copacabana*** e ***Nos céus de Paris: o romance da vida de Santos Dumont***. São Paulo: L&PM, 2001.

Ganhou diversos prêmios literários, como *Ilha de Laytano*, *Prêmio Açorianos*, troféu da *RBS* e troféu *Laçador*, além da *Medalha Mérito Santos Dumont*, uma das maiores